JULIANA LUZ BACCI

#Selfie: Retratos da Solidão Compartilhada

CELACC / ECA – USP

2014

JULIANA LUZ BACCI

#Selfie: Retratos da Solidão Compartilhada

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura, produzido sob orientação do Professor Ricardo Alexino Ferreira.

CELACC / ECA – USP

2014

Aos meus pais,

que me ensinaram a seguir

sempre em frente

AGRADECIMENTOS

Aprendi muito em sala de aula. Aprendi tanto quanto fora dela.

Trocamos experiências e confissões. Vivemos alegrias. Enfrentamos o cansaço. Respeitamos opiniões. Lutamos por direitos. Entendemos diferenças. Trocamos abraços na despedida. Dividimos perdas. Conversamos sobre tudo. Relembramos o passado. Divertimo-nos. Estudamos. Encontramos apoio para as horas mais difíceis. Enfim, fiz amigos para a vida.

Gente de verdade e suas histórias, que levo na memória e no coração.

Aos colegas de classe e professores do Celacc, agradeço muito pelo tempo que passamos juntos. Foi incrível.

#Selfie: Retratos da Solidão Compartilhada / Juliana Luz Bacci*

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar a *selfie* como fenômeno social que marca a pós-modernidade. A pesquisa de caráter interdisciplinar aborda o autorretrato produzido para ser postado na *web* - principalmente nos *sites* de relacionamento - como expressão da individualidade, do culto ao corpo como reflexo do trabalho e do lazer, da realidade e da identidade construídas e editadas a partir de ferramentas tecnológicas. Mais do que analisar o comportamento de internautas, impulsionado pela popularização de celulares do tipo *smartphones*, o estudo analisa o meio de vida ao qual estão submetidos: a solidão compartilhada. Mais conectados, mais sozinhos.

Palavras-chave: Selfie, Solidão Compartilhada, Pós-Modernidade, Autorretrato

ABSTRACT

This article aims to analyze the selfie as a social phenomenon that marks postmodernity. The interdisciplinary research addresses the self-portrait produced to be posted on the web - especially on social media - as an expression of individuality, the cult of the body as a result of work and leisure, reality and personal identity constructed and edited from tools technology. Rather than analyzing the behavior of netizens, driven by the popularity of smartphones, the study analyzes the way of life to which they are subjected: the "shared loneliness". Increasingly connected, increasingly alone.

Keywords: Selfie, Post-Modernity, Identity, Body Cult, Individuality

RESUMEN

Este artículo tiene como meta analizar la selfie como un fenómeno social que marca la posmodernidad. La investigación interdisciplinaria aborda el autorretrato producido para ser publicado en la web - en especial en las redes sociales - como expresión de la individualidad, el culto al cuerpo como un reflejo de la obra y el ocio, la realidad y la identidad construidas y editadas desde herramientas tecnológicas. En lugar de analizar el comportamiento de los usuarios de Internet, impulsado por la popularidad de los smartphones, el estudio analiza la forma de vida a la que son sometidos: la soledad compartida. Cada vez más conectados, cada vez más solos.

Palabras-clave: Selfie, Soledad Compartida, Post-Modernidad, Identidad

*Pós-graduada em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC - ECA/USP - 2014. Bacharel em Jornalismo pela Universidade Cruzeiro do Sul (2011) e em Radialismo pela Universidade São Judas Tadeu (2007). Possui especialização em Redação Criativa pela New York University (EUA-2011) e em Roteiro para Cinema pela Escuela Internacional de Cine y Televisión (Cuba-2007). Possui experiência em rádio (Jovem Pan FM), televisão (Rede Record e SBT), publicidade (Agência Foster) e impresso (Editora Globo). É editora de conteúdo on-line no SBT desde 2012.

SUMÁRIO

SOBRE SOLIDÃO.....**06**

1. INTRODUÇÃO.....**08**

2. O MITO DE NARCISO E A LOUCURA DA BELEZA.....**10**
2.1. Os Selfies de Frida Kahlo.....**12**
2.2. Campanha "Sem Make e Sem filtro".....**14**

3. O ESPELHO COMO SIMULAÇÃO DA REALIDADE.....**15**
3.1. Romance Simulado no Século XXI.....**18**

4. A CRISE DE IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE.....**21**
4.1. O Impacto da Globalização sobre a identidade cultural.....**22**
4.2. Gente Feita de Espuma.....**26**

5. O CULTO AO CORPO.....**27**
5.1. Trabalho e Lazer.....**28**

6. O INDIVIDUALISMO NA ERA DO VAZIO.....**30**

7. DA PÓS-MODERNIDADE AOS TEMPOS HIPERMODERNOS.....**35**

8. SELFIE E PSICANÁLISE.....**39**
8.1. A Análise dos Sonhos.....**41**
8.2. As Sombras.....**43**

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**44**

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS.....**47**

1. SOBRE SOLIDÃO

Todos os dias, milhões e milhões de pessoas circulam por aí. Gente de tudo quanto é jeito, daqui até o outro lado do mundo. Pessoas que dividem o mesmo vagão de trem, o ônibus que passa no mesmo horário, a mesa do refeitório no almoço corrido, que desce no mesmo elevador na hora de ir embora e não passa do "Será que vai chover amanhã?". Gente que vive na mesma casa, que divide contas, a cama e o tempo, mas que está completamente só.

Muitas pessoas se encontram apenas na foto que aparece postada na *internet*. A moça que sorri, faz careta e mostra o decote no espelho quer seduzir, mas esconde tristezas e decepções. O casal que se beija na imagem curtida por centenas de amigos brigou logo após o clique. O show que eles foram nem foi tão legal assim e a família que aparece abraçada no *Facebook* não se vê há meses, divida por fofocas.

Gente que acorda de mau humor, que perde a paciência com a moça do telemarketing, que briga no trânsito, que já não está feliz no casamento. Que tem saudade do pai que morreu, que devora o pacote inteiro de bolachas, que engordou e não tem roupa para ir ao casamento da amiga, que perdeu o emprego nesta sexta-feira, que não tem grana para pagar as contas, que está com uma doença séria e não sabe como contar ao filho. Gente comum, que escolhe uma máscara atraente e constrói o *#MelhorDaVida* para amigos virtuais.

Virou competição manter um perfil nos *sites* de relacionamento. "No que você está pensando?", perguntam as redes sociais. Mas, por favor, pense bem antes de postar. Corrija. Mude para ficar na medida. Não há espaço para faltas ou excessos.

A vida do outro, editada por meio de cores e efeitos produzidos pela tecnologia, ganha formas perfeitas. Ele é melhor e mais divertido, passeia mais, sabe mais, viaja mais. A namorada dele é mais bonita e simpática. Ele

emagreceu e deve estar ganhando bem. Inveja e frustração escondidas em *likes*. Quem comenta, quer dizer: "Eu também queria". Todos são medidos por suas conquistas sociais: existo porque compartilho.

Do outro lado da tela tem alguém ignorando vontades, sentimentos e sonhos próprios, tem alguém vivendo intensamente para você. Comprando, fazendo, comendo, amando, falando, visitando lugares, exibindo o próprio corpo só para ganhar a sua aprovação. Um exército dividindo experiências, sorrisos, abraços apertados, felicidade e dias como se fossem os últimos enquanto, na vida real, em busca de um ideal de auto-realização, está gritando e tudo o que o ouve é a própria voz.

Apartamentos minúsculos, restaurantes do tipo *self-service*, pacotes individuais de viagem, seções de alimentos em pequenas porções nos supermercados denunciam que viver sozinho é tendência - por opção ou não.

Olhar nos olhos, sentir o cheiro, trocar carinhos e beijos: conviver dá tanto trabalho! Conversa virou ruído quase insuportável. Melhor conectar e resolver tudo agora mesmo, sem perder o controle da situação. Eu digito daqui, você responde daí e ninguém sai magoado. Quem gosta de ver maquiagem borrada por choro no fim do relacionamento?

Tem gente fotografando o que poderia estar vivendo. Escolhendo amores de uma noite em verdadeiros cardápios humanos. Tem gente resumindo momentos únicos a *hashtags*, trocando olhares com máquinas e digitando em *tablets* e *smartphones* o que poderia ser dito com raiva. Ou com muito amor. Um *SMS* equivale a um abraço no dia do aniversário. E quem incomoda pode ser bloqueado. Ou *deletado* de vez.

Próximos estão os que moram bem longe. Entre você e eu, um abismo.

Todos os dias, milhões e milhões de pessoas circulam por aí.

Mas este artigo é sobre solidão. Solidão compartilhada.

1. INTRODUÇÃO

A música "*Happy*", do *rapper* Pharrell Williams, já está entre as mais tocadas no mundo neste ano de 2014. Só no *Youtube*, o videoclipe da canção que aborda a "felicidade nas pequenas coisas" já foi visto por mais de 425 milhões de pessoas (atualizado em 14/9/14). Courtney Sanford, de 32 anos, estava entre os que se animam quando "Happy" toca no rádio.

No mês de abril, ela dirigia por uma estrada em Charlotte, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, quando o locutor de uma rádio anunciou que tocaria a música em instantes.

Courtney aumentou o som e usou o celular para fazer uma foto do tipo *selfie*. Na ânsia de dividir com seus seguidores no *Facebook* a alegria de ouvir a música preferida enquanto guiava o veículo, ela postou a foto no *site* de relacionamento com a seguinte frase: "A música ‘Happy’ me faz feliz".

Apenas um minuto mais tarde a polícia local recebeu uma ligação que informava sobre um grave acidente envolvendo um carro e um caminhão. Courtney se distraiu ao fazer *upload* do autorretrato e atualizar seu *status* na rede social. A motorista invadiu o canteiro central da via e atingiu o veículo que passava no sentido oposto. Ela bateu a cabeça e morreu.

Em junho do mesmo ano, situação semelhante tirou a vida de Collette Moreno. A norte-americana de 26 anos também bateu o carro ao postar uma *selfie* no *Facebook* enquanto seguia para sua despedida de solteira.

A semelhança das histórias escolhidas para abrir este estudo, muito além dos perigos relacionados ao uso do celular por motoristas, reforça a importância de abordar a *selfie* não como a simples postagem de uma foto na web, mas como elemento indicativo de um fenômeno que marca a sociedade pós-moderna no século XXI, impulsionado pelo advento das novas tecnologias.

No mês de novembro do ano de 2013, o dicionário inglês Oxford incluiu a palavra *"selfie"* em sua versão digital, além de consagrar o termo como "palavra do ano". Isso porque, de acordo com editores responsáveis pela publicação, conforme divulgado aos meios de comunicação tradicionais na data citada, aumentou em mais de 17.000% o uso da palavra nos *sites* de relacionamento e mídias sociais entre os anos de 2012 e 2013.

Selfie é abreviatura da palavra de origem inglesa *"self portrait"* que, na livre tradução para o português, significa "autorretrato". Desde o seu reconhecimento pelo dicionário Oxford, o termo ganhou ainda mais força na web, em páginas como *Facebook, Twitter* e *Instagram*, principalmente.

Personalidades de influência mundial - músicos, cantores, modelos, atores, atrizes e políticos - fazem uso da *selfie* para exibir sua autoimagem na web, contribuindo com a popularização do termo.

Acompanhado por uma *hashtag* (palavra-chave da informação contida na imagem cujo símbolo é: #), *selfie* foi associada à exibição na rede de um corpo em um determinado momento. Usuários de celulares, *smartphones e tablets* - famosos ou anônimos - mostram onde estão, com quem estão e o que estão fazendo, construindo uma realidade para ser compartilhada.

É objetivo deste estudo, então, desconstruir a *selfie* e buscar o que de mais oculto e subjetivo está no ato de fotografar a si próprio para postar em sites de relacionamento.

A adoração da própria imagem e o culto ao corpo como mercadoria e objeto de sedução, a possibilidade de edição da foto postada por meio de efeitos tecnológicos, tornando qualquer sujeito protagonista da realidade virtual que desejar construir, além da exploração do modo de vida ao qual estão submetidos aqueles que, cada vez mais, estão separados por telas -

a solidão compartilhada - são tópicos que serão abordados neste trabalho de conclusão de curso.

Esta pesquisa dialética e monográfica, de caráter histórico-crítico, busca embasamento no resgate da história do autorretrato e da individualidade, na Mitologia, em conceitos desenvolvidos pela Psicanálise e no estudo do corpo como extensão do trabalho e do lazer, além da fotografia como tentativa de "congelar" o tempo e, inconscientemente, vencer a própria morte.

Também sugere que a publicidade e a novela, à medida que geram identificação entre as personagens e a audiência, são exemplos de *selfie*, dando espaço para projeções em pessoas irreais das características que qualquer ser analisado também possui ou gostaria de possuir.

Por fim, "#Selfie: Retratos da Solidão Compartilhada" levanta a hipótese de que os sonhos como manifestação do inconsciente podem representar a forma mais primitiva, simples e pura da *selfie*.

2. O MITO DE NARCISO E A LOUCURA DA BELEZA

O dia 29 de junho de 2014, um domingo, foi de tédio para Miley Cyrus. Após encerrar uma turnê pela Europa, a polêmica cantora de 21 anos ganhou um dia de folga e, "sem nada para fazer", como fez questão de contar aos seus seguidores no *Instagram*, a norte-americana postou 42 autorretratos, em poses diferentes, no seu perfil na rede social.

A maratona de *selfies*, que durou 24 horas, ganhou destaque na imprensa nacional e internacional. "Os domingos de Miley Cyrus também são chatos", destacou a revista Monet, da Editora Globo, especializada na cobertura de cinema, séries e televisão, para justificar a quantidade de fotos publicadas pela artista.

A relevância dada pela mídia à atitude de Miley Cyrus é ancorada no interesse público. Mas a compulsiva produção de autorretratos é também

repetida diariamente por milhões de jovens anônimos. A popularização de celulares do tipo *smartphone* elevou a hábito a necessidade humana de registro. Qualquer encontro, almoço, balada, festinha, beijo no namorado, passeio com o cachorro ou visita a um parque da cidade: tudo acaba em foto postada.

A adoração da própria imagem é elemento central do Mito de Narciso.

Na Mitologia Grega, Narciso era um jovem de beleza incomum. Quando nasceu, sua mãe, a ninfa Liriope, consultou o adivinho Tirésias para saber sobre a longevidade da criança. Ele, então, disse que o garoto viveria bastante desde que nunca conhecesse a si próprio.

Narciso cresceu e, cada dia mais belo, atraía a atenção de muitas jovens. Porém, não se interessava por nenhuma. Certo dia, ao inclinar-se diante de uma fonte para beber água, Narciso viu sua própria imagem refletida e se apaixonou.

Por diversas vezes, mas sem qualquer sucesso, o jovem tentou alcançar a imagem que via na água. Cansado e apaixonado, deitou na relva e, aos poucos, seu corpo foi desaparecendo. Diz a lenda que, no mesmo lugar, nasceu uma flor amarela.

Na narrativa, estão presentes elementos que, subjetivamente, caracterizam o selfie e justificam a adoração pela própria imagem.

Os autores Wanderley Codo e Wilson A. Senne, na introdução do livro "O que é Corpo(latria)", usam uma frase de Freud para justificar a contemplação do próprio corpo: "O indivíduo toma como objeto sexual seu próprio corpo e o contempla como agrado, o acaricia e o beija até chegar à exaustão".

A imagem refletida na água, no caso de Narciso, e na foto ou no espelho, no caso deste estudo, causa fascínio por ser irreal. Ela se molda de acordo com a vontade do indivíduo, ressaltando suas qualidades e escondendo defeitos.

O que não é refletido na imagem fica escondido na forma de sombra, onde está tudo aquilo que o produtor do retrato deseja esconder, aquilo que não gosta em si ou quer reprimir e esquecer.

O prefixo "re", que acompanha a palavra "reflexo" está ligado ao resgate do passado, a tudo aquilo que vivemos, às experiências que tivemos. O reflexo é o retorno que questiona a transitoriedade da beleza e a efemeridade da vida. "A ameaça da morte é o símbolo mais comum da ansiedade", diz o autor Rollo May na obra "O Homem à Procura de Si Mesmo". E completa na sequência:

> *O ator caracteriza como ansiedade aquilo que sentimos quando nossa existência como selves está ameaçada. Grande parte da ansiedade de nossos tempos advém da ameaça de não ser querido, viver isolado, solitário, abandonado. Todo ser humano adquire grande parte do senso de sua própria realidade pelo que os outros dizem e pensam a seu respeito. (MAY, 1982: p.. 34)*

2.1.Os selfies de Frida Kahlo

Como Narciso, que se apaixonou pela própria imagem, Frida Kahlo encontrou no autorretrato uma forma de expressão. Aos 18 anos, a mexicana sofreu um grave acidente. O bonde no qual viajava chocou-se com um trem. O para-choque de um dos veículos perfurou suas costas. Frida, então, ficou durante meses internada e passou por diversas cirurgias reconstrutivas. Na ocasião, a mexicana, como passatempo e com a ajuda de um cavalete adaptado à sua cama, passou a pintar quadros.

Cerca de um terço de suas obras é composto por autorretratos. Cada um deles corresponde a uma época de sua vida e espelha os sentimentos intensos que marcaram sua forma de ver o mundo e a sua

identidade. "Pinto a mim mesmo porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor", escreveu a artista em um diário sobre sua arte.

Da pintura de Frida Kahlo para a *selfie* postada nas redes sociais, a autoimagem caracteriza a busca por si. Em "Kant e o Ornitorrinco", no qual discursa sobre as ciências cognitivas, Umberto Eco afirma:

> *O espelho reflete a nossa esquerda exatamente onde ela está e faz o mesmo com a direita. Somos nós que nos identificamos com aquele que vemos dentro do espelho, ou que pensamos seja um outro que está diante de nós, e nos admiramos que use relógio no pulso direito (ou empunhe uma espada com a esquerda). Mas não somos aquela pessoa virtual que está dentro do espelho. Basta não "entrar" no espelho e não sofremos desta ilusão. (SODRÉ, 2013: p. 155)*

Já Mario Perniola, em "Enigmas: O momento egípcio na sociedade e na arte" afirma:

> *O eu que se espelha no monitor não é, com certeza, a consciência entendida pela tradição filosófica como interioridade, e sim como resultado do trabalho desenvolvido pela personalidade narcísica na construção da sua própria imagem. É necessário, todavia, evidenciar desde já que o narcisismo não é de forma alguma amor por si próprio: a deslocação do interesse libidinal para a própria imagem realiza-se em troca de uma completa anulação da vida interior e do próprio eu real. (SODRÉ, 2013: p. 156)*

Apesar do Mito de Narciso ressaltar a adoração pela própria imagem, cabe aqui considerar a possibilidade de a imagem adorada ser aquela da perfeição, que não pode nunca ser possuída ou atingida por ninguém.

Efeitos e cores usados para corrigir fotos antes de publicar nas redes sociais criam representações das pessoas fotografadas. E a paixão é alimentada por este reflexo, por este novo ser que, editado, passa a existir virtualmente, apenas como simulação da realidade.

2.2. Campanha "Sem Make e Sem filtro"

O início do mês de setembro de 2014 foi marcado por uma campanha entre as usuárias do *Facebook*. Criada pela escritora Robin Rice e batizada de *"Stop The Beauty Madness"* (ou "Parem com a Loucura da Beleza", na livre tradução para o português), seu objetivo era criticar a beleza plástica das campanhas publicitárias. "Quando a beleza se torna o único elogio que se pode fazer a uma pessoa, há um problema", disse a britânica em entrevista à revista Claudia, da Editora Abril.

Celebridades e anônimas aderiram à proposta e, na forma de viral, usaram a rede social para postar *selfies* sem a correção por qualquer produto de beleza ou filtros dispostos nos *gadgets*. Além de mostrar sua "cara limpa", elas tinham que desafiar uma ou mais amigas a fazer o mesmo, além de usar as *hashtags* #semmake e #semfiltro.

Apesar da "febre" que a campanha tornou-se em poucos dias, *"Stop The Beauty Madness"* causou estranhamento entre aqueles tão acostumados a ver sua artista favorita ou sua amiga virtual sempre tão maquiada.

Algumas das participantes foram alvo de críticas. A modelo Ana Paula Minerato foi uma delas. Após ser desafiada a participar da campanha pelas amigas Vanessa Mesquita, Andressa Urach e Tati Minerato, ela fez uma *selfie* do tipo "cara lavada" e ganhou críticas do tipo "Meu Deus! Feia é apelido" e "Ai que susto!".

Justamente contra a edição da realidade, a ideia de Robin Rice prova o quanto as pessoas estão acostumadas com o "personagem" criado para as redes sociais. Diante da foto "verdadeira" da amiga ou da artista, a reação é sempre de estranhamento.

"Muito legal o desafio sem maquiagem, mas vamos inverter? Agora o desafio é postar fotos com maquiagem e *Photoshop*! Todos lindos,

ricos e prontos para sair na capa da revista. Gente com cara de sono eu já vejo o tempo todo e todo dia, nem precisa de desafio!", escreveu o jornalista Adolfo Nomelini em seu perfil no *Facebook* sobre a onda das mulheres sem maquiagem.

3. O ESPELHO COMO SIMULAÇÃO DA REALIDADE

O espelho é elemento revelador presente em diversas narrativas. No filme "Branca de Neve e os Sete Anões", por exemplo, a bruxa má pergunta: "Espelho, espelho meu! Há no mundo alguém mais bela do que eu?". E o objeto, escondendo a verdade, responde: "Não, és a mais bela de todas as mulheres, minha rainha!".

Espelho como simulação da realidade é o tema de "Antropológica do Espelho", livro de Muniz Sodré, no qual ele cita:

> *É o espelho a prótese primitiva que mais se assemelha ao medium contemporâneo, guardadas das devidas diferenças. É que o espelho traduz reflexivamente o mundo sensível, fechando em sua rasa superfície tudo aquilo que reflete. O medium, por sua vez, simula o espelho, mas não é jamais puro reflexo, por ser também um condicionador ativo que diz refletir. (SODRÉ, 2013)*

Diante disso, o autor defende a criação da “bios virtual”, caracterizada por imitar a realidade, dando a falsa impressão de que se está vivendo. "Com a internet, mais do que uma encenação, há uma verdadeira virtualização do mundo, com possibilidades de caos e acaso", diz.

O que Sodré busca explicar é que o espelho midiático não é simples cópia, reprodução ou reflexo já que implica uma forma nova de vida, com um novo espaço e modo de convivência entre as pessoas. Assim, a sociedade contemporânea rege-se pela midiatização. "É um princípio gerador de real - mas o real do "quase": quase presença, quase mundo, quase verdade", defende.

Na mesma obra, o autor ainda trata a imagem como simuladora da realidade: "As imagens deixam de ser reflexos e máscaras de uma realidade referencial para se tornarem simulacros tecnicamente autorreferentes, embora político-economicamente a serviço de um novo tipo de gestão da vida social" .

Daí a quantidade de pessoas que tiram fotos em frente a espelhos, fazendo poses que jamais reproduziriam na vida real, sem o propósito da fotografia.

O cantor Mc Bola notou o comportamento e o registrou nos versos de sua música "Ela É Top": "Ela não anda/Ela desfila/Ela é top, capa de revista/ É a mais mais, ela arrasa no look / Tira foto no espelho pra postar no *Facebook*.

Platão associa imagens às sombras: "transitórias, minimamente informativas, imateriais, impotentes copresenças das coisas reais que as projetam".

Já Susan Sontag, no livro "Sobre Fotografia" (2004), argumenta: "Fotos fornecem formas simuladas de posse: do passado, do presente e do futuro".

Assim, O indivíduo percebe a realidade de seu mundo na medida em que se adapta interativamente, dando espaço para a construção de "eus" análogos.

As tecnologias simulativas produzem outro mundo, muito mais atraente, que parece dar vida ao espelho, propiciando a convergência entre ser humano e máquina, o desenvolvimento de outras formas de consciência, assim como uma possível nova modalidade de individualização.

> *A relação do corpo humano, frágil e precário, com o "corpo" tecnológico é ao mesmo tempo erótica e religiosa. A tecnologia compensa com sua plenitude eficiente a insuficiência do homem - a mesma insuficiência, aliás,*

> *alimentada pela ordem social do consumo, cuja lógica é a da insatisfação radical. (SODRÉ, 2013)*

Nas ilusões ou ficções que engendram, o midiático e o virtual demandam outros véus, peles, "personas", máscaras, que multiplicadas, podem atribuir uma realidade fantasmática ou espectral aos sujeitos. O novo medium implica, assim, uma tecnointeração a mais: "Virtual é o que não existe, mas ao mesmo tempo existe a mais", diz Jacobelli

Tudo isso é resultado do desenvolvimento da tecnologia por meio de trabalho intelectual humano. A simulação da realidade é objetivo do homem, que tenta dar a máquinas características de seus semelhantes.

> *As tecnologias do virtual podem realizar operações funcionais da consciência, só que na máquina a consciência - despojada de corpo - deixa de coincidir com a realidade de um conceito que tradicionalmente inclui intencionalidade, descontentamento consigo mesmo, autorreflexividade sobre a dor, o envelhecimento e a morte ou sobre as tensões humanas no relacionamento com os objetos e com o outro. (SODRÉ, 2013)*

O mesmo autor ainda destaca:

> *Existir na imagem, aparecer no espelho, favorece a aproximação aparente com um número grande de pessoas, mas ao mesmo tempo provoca a distorção da realidade original pelo que, no cenário ou no distanciamento espaçotemporal, há de substituição e descontextualização. A distorção é, assim, efeito da diferença entre o mundo sensível e a reprodução especular, já que todo espelho é pura utopia, espaço sem lugar: reflete oticamente o lugar sensível onde estou, mas não me faz encontrar ali onde me vejo. Conexão é a palavra-chave. Em vez do self psicologicamente essencializado, a relação tecnológica ou a conexão desponta como um tipo particular de entidade voltada para o ser tecnicamente relacional, para o indivíduo concebido como um lugar de interseção nas conexões que constituem as redes sociais, para alguém sistematicamente fora de si. (SODRÉ, 2013: p. 159)*

Esta autoconsciência, esta capacidade para ver-se do exterior, é a característica distintiva do homem.

> *Mas, na verdade, a autoconsciência é a origem das mais altas qualidades humanas. Existe na capacidade de se distinguir entre "eu" e o mundo e proporciona ao homem o talento de suspender o tempo, que é a aptidão para sair do presente e imaginar-se na véspera ou no dia seguinte. (MAY, 1982: p. 70)*

Quem olha no espelho, quer ver muito além da simples realidade.

3.1. Romance Simulado no Século XXI

No filme "Ela" (2013), do diretor e roteirista Spike Jonze, Theodore, vivido pelo ator Joaquin Phoenix, é um escritor de cartas solitário que acaba de comprar um novo sistema operacional para seu computador. Ele se apaixona pela voz deste programa informático, que possui o nome de Samantha, dando início a uma espécie de namoro. A história de amor incomum explora a relação entre o homem contemporâneo e a tecnologia, fazendo crítica ao romance simulado no século XXI.

Na trama, Theodore adota a voz de Samantha como sua grande parceira e amante. A personagem de Scarlett Johansson não aparece no filme, mas o preenche. É para ela que ele dá "bom dia" quando acorda e "boa noite" quando vai dormir. É com ela que ele divide os momentos de prazer, as angústias, preocupações e tristezas da rotina. Em uma madrugada de extrema solidão, a dupla (Theodore e a voz de Samantha) chega a fazer sexo - e ele sente prazer.

Em resenha à versão eletrônica do jornal New York Times, o jornalista Alex Godfrey abordou o filme como exemplo do romance simulado que estão vivendo as pessoas na pós-modernidade: a relação de um corpo só, na qual não é mais necessário estar junto fisicamente. "A grande questão não é se as máquinas podem pensar, mas se os seres humanos ainda podem sentir", aponta o escritor para encerrar sua análise do filme.

A simulação do romance, assim como das relações humanas em geral, também é tema do livro "Simulacros e Simulação", de Jean Baudrillard, de 1981. Para abordar a questão do amor na era da tecnologia, o autor dá espaço inicial para uma breve explicação da diferença entre as palavras "dissimular" e "simular": "Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência".

Assim, a simulação parte do princípio de representação, equivalência do signo e do real. "O cinema plagia-se, recopia-se, refaz os seus clássicos, retroativa os mitos originais, refaz o mundo mais perfeito que o mundo de origem".

Para o autor, as imagens são apenas reflexos da realidade profunda. Elas mascaram, deformam e não têm qualquer relação com a realidade. "São simulacros puros", diz.

Em sua coluna semanal sobre relacionamentos, o jornalista Ivan Martins falou sobre a simulação da realidade permitida pelas redes sociais:

> *Muitos de nós, talvez a maioria, gastam mais tempo nas redes sociais que nas relações sociais de verdade. É só fazer as contas. Interagimos com dezenas de pessoas por dia pelo Facebook, gastamos horas nisso, mas quase não encontramos ninguém pessoalmente. A situação é tão cômoda, envolve tanta gente, que essa forma de relacionamento à distância – por meio do celular ou do computador - tem se tornado a vida social real, enquanto a outra, que só ocorre quando as pessoas se encontram frente a frente, toma ares de coisa alternativa e eventual, uma espécie de universo paralelo que transcorre à margem daquilo que realmente importa. Os encontros pessoais viram aquele momento esquisito, em que você cruza alguém com quem andou transando escondido e não cabe na sua vida pública. Uma espécie de saia justa. (MARTINS, 2014)*

Ainda sobre a simulação do romance e suas consequências, o autor sugere:

> *Obviamente, essa situação tem consequências. Uma delas, terrível, é a redução das nossas habilidades sociais, como seduzir olhando nos olhos do outro. Aventure-se, corra riscos, sofra decepções reais. Essencialmente, saia da zona de conforto das conversas de Facebook. Elas são divertidas, viraram parte da rotina e nos parecem essenciais. Mas, como dizia o título de um filme antigo, são apenas uma imitação da vida. A vida de verdade começa quando a gente sorri – e alguém nos sorri de volta. Frente a frente. (MARTINS, 2014)*

Para Sherry Turkle, professora de Sociologia no Massachussets Institut of Technology (MIT) e doutora, por Harvard, em Psicologia da Personalidade, cujas pesquisas concentram-se no campo da relação entre as novas formas de telecomunicação e a interação no ciberespaço, os limites que dividem a vida real da vida virtual estão cada vez mais permeáveis e, num futuro próximo, a intimidade com a tecnologia deverá tornar as pessoas cada vez mais solitárias.

Em entrevista a Federico Casalegno, pesquisador do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Sherry Turkle afirmou:

> *Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual. Em outros termos, creio que enquanto os especialistas continuam a falar do real e do virtual, as pessoas constróem uma vida na qual as fronteiras são cada vez mais permeáveis. Assim, não gosto de falar do real e do virtual, mas antes do virtual e do resto da vida. Na vida on-line, as pessoas encontram-se em situação de poder desempenhar papéis diferentes, adotando diversas personalidades nos diferentes lugares da Rede. Vêem e experimentam inúmeros aspectos delas mesmas. Vivem intensamente tal multiplicidade. Cada vez mais, pessoas tornam-se sensíveis à multiplicidade de sua própria unidade. (Entrevista concedida ao autor em 1999)*

A identidade em tempos pós-modernos é tema do próximo capítulo.

4. A CRISE DE IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

A *selfie* pode ser expressão da identidade assumida por um sujeito na *web*. A partir de fotos publicadas nos *sites* de relacionamento é construída a personalidade que será referência para quem observa determinado perfil. A possibilidade ilimitada de postagens - tanto de textos quanto de imagens - dá espaço para que o sujeito assuma papéis múltiplos e transitórios, como se usasse a máscara que lhe cabe melhor em determinado momento.

A esta multiplicidade de "eus", em seus estudos sobre o tema, o teórico cultural Stuart Hall deu o nome de "crise de identidade".

> *Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento, constituindo uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 1999: p. 7)*

Para o autor, ao longo da história, há três concepções de identidade. A primeira delas está relacionada ao sujeito do Iluminismo. "Um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de

consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez no nascimento e com ele se desenvolvia ao longo de sua existência".

A segunda delas está relacionada ao sujeito sociológico, aquele que "refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas sim formado na relação com outras pessoas, que mediavam os valores, sentidos e símbolos culturais". Assim, neste caso, a identidade era formada a partir da interação entre o eu e a sociedade.

A terceira concepção está ligada ao sujeito moderno, objeto de análise deste estudo, aquele que, fragmentado, está composto por várias identidades.

> *O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. A identidade é móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1999: p. 12)*

Assim, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos - uma para cada *post* -, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

4.1. O Impacto da Globalização sobre a identidade cultural

Sobre a Modernidade, Carl Marx afirmou:

> *É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos. Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar. (HALL, 1992)*

As sociedades modernas são, portanto, aquelas de mudança constante, rápida e permanente.

Já para Anthony Giddens, "À medida que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra".

E fala ainda sobre a "descontinuidade" da época citada:

> *Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade. As transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (Giddens, 1990: p. 21)*

A partir das transformações no sujeito percebidas na Modernidade, é também importante ressaltar o surgimento de uma nova e decisiva forma de individualismo.

> *As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes, eram determinadas de forma "divina", portanto impossibilitadas de serem alteradas. O nascimento do indivíduo soberano, entre o Humanismo Renascentista do século 16 e o Iluminismo do século 18, representou a ruptura com o passado. Muitos movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para a emergência dessa nova concepção: a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o homem no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da natureza; o Iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada. (HALL, 1992: p. 26)*

À medida que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. As leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar; depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno.

O empreendedor individual de Adam Smith ou de Marx foi transformado nos conglomerados empresariais da economia moderna. Emergiu, então, uma concepção mais social do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e "definido" no interior dessas estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna.

Também contribuíram neste processo o desenvolvimento da Biologia Darwiniana, que tinha base na natureza e na mente um "fundamento" no desenvolvimento físico do cérebro humano, e o surgimento das novas ciências sociais, que ressaltaram as necessidades humanas, como a Psicologia, que atentou para o estudo do indivíduo e de seus processos mentais, e a Sociologia, que buscou entender o papel do sujeito na sociedade, ou seja, o "ajuste" entre o "eu" e o sistema social.

Nesta mesma época, Freud chamou a atenção com a descoberta do inconsciente.

> *A leitura que pensadores psicanalíticos, como Jacques Lacan, faz de Freud é que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, a partir das relações com os outros, especialmente nas complexas negociações psíquicas inconscientes, na primeira infância, entre a criança e as poderosas fantasias que ela tem de suas figuras paternas e maternas. Naquilo que Lacan chama da "fase do espelho", a criança não está ainda coordenada e não possui qualquer autoimagem como uma pessoa "inteira" se vê ou se imagina a si própria refletida - seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no "espelho" do olhar do outro. (HALL, 1992: p. 37)*

E ainda completa o autor:

> *A formação do eu no "olhar" do outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica - incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios e não resolvidos que acompanham essa difícil entrada são aspectos chaves da formação inconsciente do sujeito e deixam o sujeito dividido (sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, conflito entre desejo de agradar e de impulso de contrariar a mãe, negação de sua parte masculina ou feminina e também a divisão entre sua parte boa ou má). Entretanto, embora sempre esteja dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e "resolvida" ou unificada como resultado da fantasia de si mesmo como uma pessoa só, que ele formou na fase do espelho. (HALL, 1992: p. 38)*

A partir dos estudos citados, Stuart Hall propõe o uso da palavra "identificação" do lugar de "identidade" já que a identificação deve ser vista como um processo em andamento.

> *A identidade surge não tanto da plenitude daquilo que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de intereza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer da plenitude. (HALL, 1992: p. 39)*

Para o linguista estrutural Ferdinand de Saussure, a língua é apenas mais um exemplo de que o sujeito moderno é fragmentado. "Não somos "autores" daquilo que expressamos simplesmente porque somos obrigados a expressar o que sentimos dentro do padrão imposto pela língua que falamos, que é social".

Já o historiador francês Michel Foucault, defende uma espécie de "poder disciplinar", que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do presente século. "Este poder está preocupado com a regulação, a vigilância do indivíduo e de seu corpo", aponta.

> *Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades, dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribui para este efeito de "supermercado cultural". (HALL, 1992)*

4.2. Gente feita de espuma

A associação entre bolhas e espuma com pessoas e a multidão, respectivamente, aparece na obra "Esferas", do filósofo alemão Peter Sloterdijk. Nos volumes escritos, o autor, que propõe sua leitura também por meio de imagens, defende que a bolha é o espaço de identidade de cada um dentro da sociedade. "É o anonimato, não o sujeito", afirma.

> *A espuma é como se apresenta a experiência cotidiana. A água, junto ao ar, produz espuma. O ar, elemento incompreendido, encontra meio e caminhos para infiltrar-se em lugares que ninguém conta com a sua presença. Como seria, então, uma primeira definição para espuma? Ar em lugar inesperado? Por sua forma efêmera, a espuma oferece a oportunidade de observar com os próprios olhos a transformação da substância. Quase nada se converte em quase nada. (SLOTERDIJK, 2006)*

A bolha é o espaço da vida, do entorno de nosso ser-sujeito. A espuma é algo híbrido, formado por milhares de bolhas que mudam o tempo todo. Nela, o indivíduo não está anulado, está sobreposto. Vivemos uma situação de indivíduos hiperconectados, o que é bastante diferente da coletividade. E isso muda muito em tudo o que vivemos, na nossa relação com as pessoas, com o mundo e com até com a política.

Com as redes sociais, o sujeito é coletivo e individual ao mesmo tempo. Ele faz uma edição do seu "eu" de acordo com critérios momentâneos e constrói uma realidade para ser compartilhada.

5. O CULTO AO CORPO

A exibição do corpo está entre as principais características da selfie. Produzido ou editado por meio de ferramentas tecnológicas, o corpo é o instrumento da imagem que é publicada nas redes sociais para mostrar que determinada pessoa esteve em determinado lugar e viveu determinada experiência, sozinha ou na companhia de alguém.

> *O que chamamos de corpo é, na verdade, uma invenção da cultura, uma abstração a partir das articulações concretas da carne. (...) O culto do corpo contemporâneo, em seus aspectos fisioculturais, pode ser extremamente maquínico (exercícios e instrumentos de modelagem) e guiado por uma estética que mais tem a ver com as abstrações do mercado do que com a concretude humana. (SODRÉ, 2013: p. 165)*

No artigo "Tem que correr, tem que malhar", é citado:

> *Aprendemos o corpo do mesmo modo que aprendemos a ler. Possuímos o corpo de uma respectiva classe econômica e social, pois o corpo não faz nada além de traduzir os fantasmas pessoais, além de repercutir os mitos coletivos. Isso faz com que o biológico se torne uma metáfora da realidade sócio-política. Não somente os mitos que perseguem uma dada sociedade nele encarnam, mas o próprio corpo atinge o mito. O corpo é o símbolo de que faz uso uma sociedade para falar de seus mitos" (PERES, 2013)*

Jacques Lacan trabalha com a hipótese da existência de um "corpo simbólico":

> *Efeito de uma relação estrutural entre linguagem e corpo, sugerindo a sua aproximação com a ideia estoica dos incorporais. Estes não se entendem como coisas nem como seres, mas como extrasseres ou "acontecimentos", localizados na zona fronteiriça entre corpo e linguagem. Nesta linha de pensamento, não seria absurdo conceber o self virtual como um extrasser (ou um ser "de espírito", para usarmos a expressão de Morin) que acontece tecnologicamente na rede ou num dispositivo de visualização qualquer. (SODRÉ, 2013: p. 157)*

O que se observa hoje é uma tentativa de resgate do corpo natural. A saúde tem recebido numerosas contribuições, todas valorizando práticas alternativas que condicionam o bem-estar do sujeito à auto percepção de si, autoconhecimento, como se nada além da autoimagem merecesse atenção no mundo. Se na época de Freud a preocupação excessiva com o corpo podia ser tratada como doença, a iniciativa ganhou sinônimo de bem-estar.

A obsessão consigo mesmo se manifesta menos no ardor do gozo que no medo da doença e do envelhecimento, na medicalização da vida. "Narciso está menos enamorado de si mesmo que aterrorizado pelo cotidiano, pelo próprio corpo e por um ambiente social que ele considera agressivo", aponta o texto “Metamorfoses da Cultura Liberal”, de Gilles Lipovetsky.

> *A corpolatria, caracterizada pelo corpo no centro do universo, surge quando o individualismo se firma como doutrina, e a contraposição animal/social é sistematizada. Meus instintos coexistem em conflito com minha sociabilidade, da luta do animal que existem em mim contra o ser que se impõe pela civilização compõe-se o "eu". (CODO, 2004: p. 26)*

5.1. Trabalho e Lazer

O corpo é para o trabalho e para o lazer, além de instrumento formador de uma família.

A partir da Revolução Industrial, as relações sociais passam a ser marcadas pelo capital. Os homens se dividem entre os "livres", que vendem sua força de trabalho aos meios de produção, e os donos destes meios de produção. Apesar de "livres", estes trabalhadores são subordinados ao comércio de produtos necessários à sua sobrevivência.

Em síntese, o homem do capitalismo passou a ter duas vidas: se apresenta como cidadão livre, que vende seu trabalho, e, ao mesmo tempo, dependente do consumo.

> *Eis o homem duplo que aparece em Freud, pois quando escravizamos o homem no trabalho e o libertamos para o consumo, estamos na verdade tomando o que ele tem de mais humano e libertando o que ele tem de animal. Mark, nos Manuscritos, já apontava que, sob o Capital, o homem se sente animal ao exercer suas atividades especificamente humanas - seu trabalho - e humano quando exerce funções comuns a qualquer animal - comer, dormir, fornicar. (CODO, 2004: p. 32)*

E continua:

> *Ocorre que o caráter moral repressivo não é a gênese das mazelas que o Capital promove no indivíduo, mas exatamente a alienação, rompimento imposto entre o homem e o seu produto, ou seja, ao vender o próprio trabalho o homem se perde do outro, se encontra sitiado dentro de si mesmo, obrigado a buscar prazer no animal que inventa fora da fábrica: é neste homem perdido consigo mesmo que a Psicanálise encontra amparo. (CODO, 2004: p. 33)*

A grande diferença entre a prática de um esporte e o trabalho é sua essência lúdica que, no caso do trabalho, ficou perdida. A mesmo acontece com a sensualidade.

> *O trabalho ocupa todos os poros do cidadão que o realiza, incluindo a sexualidade; veja um artista, por exemplo, quando acidentalmente consegue formas de subsistência sem que para isso tenha que vender a consciência. Sua sensualidade emana a cada gesto, em síntese nada mais prazerosa que a criação, impor ao mundo o meu jeito de ser. A sexualidade pornografada, a masturbação que se tornou mercadoria é o avesso da sensualidade, ao invés da criação, tédio; a solidão que se diverte consigo mesma. (CODO, 2004: p. 34)*

Para muita gente, lazer é o que acontece quando não se está trabalhando. "Ocorre que o lazer apresenta ao mesmo tempo uma relação de oposição e de simetria com o trabalho ou talvez uma oposição real, que se manifesta por uma aparente simetria" (CODO, 2004).

Inconscientemente, no lazer, o homem busca a síntese da produção e do consumo e, assim, cultua seu próprio corpo.

> *Ao mesmo tempo produz a si mesmo, síntese mágica de ferramenta e matéria-prima, realizando a transformação possível com o único objeto que tem à disposição: ele mesmo. O trabalhador reinventa a natureza que lhe é inacessível na fábrica. A corpolatria toma a forma de síntese mágica, um outro OUTRO que não sou EU. Ao invés de encontrar o outro, diverte-se com a própria imagem refletida. (CODO, 2004: p. 45)*

6. O INDIVIDUALISMO NA ERA DO VAZIO

Os apartamentos cada vez menores, os carros de apenas dois lugares, os pratos vendidos em pequenas porções e os pacotes de viagem individuais denunciam: viver sozinho é tendência. Para atender o vazio e a solidão aos quais estão destinados o homem moderno, vale dar destaque às palavras de Juremir Machado da Silva, responsável pela abertura do livro "A Era do Vazio - Ensaios Sobre o Individualismo Contemporâneo", do filósofo francês Gilles Lipovetsky.

"Estamos no vazio ou no excesso? Vivemos um tempo extremo ou um novo e instável equilíbrio? Caminhamos no fio da navalha e cortamos os nós que nos prendiam a um passado cheio de correntes e de moralismo? Entramos numa fase de descalabro ético ou, finalmente, estamos pondo os valores a serviço de uma moral da submissão? Atravessamos a fronteira do bem e do mal e ingressamos num deserto de certezas ou descobrimos que nossas verdades universais eram valores locais universalizados?

O vazio é a era pós-moralista, o fim de uma época de valorização do sacrifício e de condenação do prazer, a derrocada de uma moral rigorista e o surgimento de uma era polissêmica de elaboração ética à la carte. (...) tudo se move, tudo muda, tudo é fluxo. (...) hipermodernidade, um tempo em que excesso e vazio enfrentam-se num combate que gera autonomia, novas liberdades e produz também, como não poderia deixar de ser, novos problemas, angústias e novas expectativas.

A era do vazio é um tempo de comunicação. Não mais da comunicação como conteúdo ou mensagem, no sentido moralizador desse termo, mas comunicação como forma de contato, expressão de desejos, emancipação do jogo utilitário. Gera medo, pânico e até horror uma época em que tudo pode ser questionado. Na realidade, essa desmontagem dos mecanismos de legitimação pela moral rigorista implica uma perda de poder pelos donos das sociedades ou um arranjo das formas de controle: a manipulação cede lugar à sedução; a imposição deve transformar-se em conquista; cada um deve aderir a um valor, não mais obrigado a submeter-se a ele.

Depois de séculos de dominação das ideias de sacrifício e castigo, obediência e recompensa, entramos num tempo de valorização dos desejos, de liberação dos prazeres e de produção do corpo. Estamos mais soltos, mais perdidos, menos fixados, menos tutelados e mais obrigados a gerir o nosso mundo como artistas da nossa própria escultura. Exigimos fazer por nós mesmos o que somos e o que seremos, sem garantias de redenção nem obrigações inquestionáveis.

Um pós-tudo em que tudo muda pela comunicação, pela interação, pelo contato pela busca desenfreada do prazer e pela múltipla escolha. A moral rigorista era o medo excessivo do vazio. A pós-modernidade é o excesso como vazio e o vazio como liberdade de forjar novos e intensos conteúdos existenciais".

O vazio, cuja introdução do livro caracteriza com os trechos acima citados, é tema deste estudo à medida que justifica a necessidade de se produzir tantos autorretratos e compartilhar experiências individuais e solitárias com centenas - até milhares - de amigos e conhecidos virtuais.

Em "O que é Corpo(latria)", já citado anteriormente, os autores Wanderley Codo e Wilson A. Senne discursam sobre a atual relação do homem com seus semelhantes: "As relações são efêmeras, cujo objetivo é o prazer

individual (masturbatório). O outro aparece de passagem, apenas enquanto não atrapalha". E ainda completam : "A felicidade consiste em romper com as amarras que o social impõe e deixar fluir um homem livre do outro".

Ao longo de "A Era do Vazio", Gilles Lipovestsky defende que a sociedade pós-moderna passa por um processo de "personalização", caracterizado por um valor fundamental: o da realização pessoal, "do respeito à singularidade subjetiva, da personalidade incomparável, quaisquer que sejam as novas formas de controle e de homogeneização realizadas simultaneamente".

> *O direito de ser absolutamente si mesmo, de aproveitar a vida ao máximo é, certamente, inseparável de uma sociedade que institui o indivíduo livre como valor principal e não mais do que a manifestação definitiva da ideologia individualista; mas foi a transformação dos estilos de vida ligada à revolução de consumo que permitiu esse desenvolvimento dos direitos e desejos do indivíduo, essa mutação na ordem dos valores individualistas. (LIPOVETISKY, 1989)*

E acrescenta o autor: "Com o processo de personalização, o individualismo sofre uma atualização que aqui chamamos de narcisista, símbolo da passagem do individualismo "limitado" para o individualismo total".

No primeiro capítulo da obra citada, denominado "A Sedução Não Para", Lipovestsky também atenta para uma das principais características da *selfie*: a sedução. Quem se mostra na *web*, mostra sua melhor parte, o que tem de mais legal ou bonito. O único objetivo é conquistar, seduzir, ampliar a oferta para que você possa escolher melhor e, assim, satisfazer mais seus desejos.

> *Na hora do self-service libidinal, o corpo e o sexo se tornam instrumentos de subjetivação-responsabilização; é preciso, então, acumular experiências, explorar o próprio capital libidinal e inovar nas combinações. Desta maneira, produzimos um sujeito não mais pela disciplina, mas, sim, pela personalização do corpo sob a égide do sexo. O seu corpo é você e deve ser cuidado, amado, exibido: nada mais tem a ver com a máquina. A sedução amplia o ser-sujeito, conferindo dignidade e integridade ao corpo, que antes era ocultado: nudismo e seios expostos são os sintomas espetaculares dessa mutação,*

> *graças à qual o corpo se torna um indivíduo que deve ser respeitado e acariciado pelo sol. (LIPOVETSKY, 1989: p. 13)*

Já no segundo capítulo, "Narciso ou a Estratégia do Vazio", o ator discursa sobre a nova representação que o corpo adquiriu diante de tantas mudanças sociais trazidas pelo advento das novas tecnologias, dando ênfase ao pudor sentimental, "comandado por um princípio de economia e sobriedade constitutivo do processo de personalização. Deste modo, o que caracteriza nosso tempo é a fuga diante dos sinais do sentimento".

As pessoas fogem dos compromissos sentimentais e de qualquer tipo de envolvimento que possa, de alguma forma, exigir que elas abram mão de suas próprias vontades e sonhos, que as obriguem a mudar de caminho e a seguir por um destino que não foi o que elas planejaram para si.

> *Sem a menor sombra de dúvida, a representação social do corpo sofreu uma mutação cuja profundidade pode ser posta em paralelo com o abalo democrático da representação do outro; o narcisismo resulta do advento desse novo imaginário social do corpo. Do mesmo modo que a apreensão da alteridade do outro desaparece em benefício do regime de identidade entre os seres, o corpo perde seu status de alteridade, de materialidade muda, em proveito da sua identificação com o ser-indivíduo, com a pessoa. O corpo não mais designa uma abjeção ou uma máquina, mas designa nossa identidade profunda da qual não mais se tem motivo para sentir vergonha; podemos exibi-lo nu nas praias ou em espetáculos, em toda a sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; deve-se respeitá-lo, quer dizer, cuidar constantemente do seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolência, combater os sinais da sua degradação por meio de uma reciclagem permanente (cirurgia, esportiva, dietética, etc); o medo atual de envelhecer e de morrer faz parte do neonarcisismo. (LIPOVETSKY, 1989: p. 42)*

E ainda completa sobre o tema:

> *O corpo psicológico substitui o corpo objetivo e a tomada de consciência do corpo a respeito de si mesmo tornou-se a própria finalidade do narcisismo: fazer com que o*

> *corpo exista por sim mesmo, estimular sua autorreflexão, reconquistar a interioridade do corpo. Se o corpo e a consciência se comunicam, se o corpo fala, do mesmo modo que o inconsciente, é preciso amá-lo e escutá-lo, é preciso que ele se expresse, se comunique e daí emana a vontade de redescobrir o corpo de dentro, a busca desenfreada de sua idiossincrasia, ou seja, o próprio narcisismo, esse agente de psicologização do corpo, esse instrumento de conquista da subjetividade do corpo por meio de todas as técnicas contemporâneas de expressão, concentração e relaxamento. (LIPOVETSKY, 1989: p. 43)*

Diante da instabilidade das relações pessoais, os indivíduos aspirariam a um desapego emocional cada vez maior. "Ter relacionamentos interindividuais sem apego profundo, não se sentir vulnerável, desenvolver a independência afetiva, viver só: este seria o perfil de Narciso".

O medo de se decepcionar e de se entregar a paixões descontroladas, separando o sexo do sentimento, erguendo barreiras contra as emoções e mantendo à distância os afetos, é chamado no livro de "the flight from feeling" ou, na tradução para o português, "a fuga diante do sentimento".

Lipovestsky encerra o assunto apontando as grandes cidades como responsáveis por contribuir com a solidão e o atual estado de vazio de seus moradores.

> *Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais os indivíduos se sentem sós; quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo; daí uma fuga para as "experiências", que apenas traduz a busca de uma "experiência" emocional forte. Por que eu não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, muito bem programado em sua absorção em si mesmo para poder ser afetado pelo Outro, para sair de si mesmo e, no entanto, insuficientemente programado, uma vez que ainda deseja um relacionamento afetivo. (LIPOVETSKY, 1989: p. 57)*

Já no artigo "Metamorphoses de La Cultura Liberalé", o mesmo autor também aponta a mídia, que na história do individualismo moderno

desempenhou um papel emancipador fundamental, ao difundir pelo conjunto do corpo social os valores hedonistas e libertários, como causadora da atual frustração dos indivíduos:

> *Ao sacralizar o direito à autonomia individual, promover uma cultura relacional, celebrar o amor ao corpo, os prazeres e a felicidade privada, a mídia tem sido agente de dissolução da força das tradições e das antigas divisões estanques de classe, das morais rigoristas e das grandes ideologias políticas" (LIPOVETSKY, 1989: p. 41)*

E nem a religião parece ter conseguido ficar de fora disso:

> *O homem livre - e sozinho - é produto do tempo pós-moderno. O princípio do self-service, a busca de emoções e prazeres, o cálculo utilitarista, a superficialidade dos vínculos parecem ter contaminado o conjunto do corpo social, sem que nem mesmo a espiritualidade escape a isso. A religião atualizou-se com o consumo, abandonando o ascetismo em favor do hedonismo e do espírito festivo, enaltecendo os valores da solidariedade e do amor, mais do que os da contrição e do recolhimento. (LIPOVETSKY, 1989)*

Baudrillard tem enfatizado há décadas: "A ideologia do consumo seduz primeiramente a consciência, não com objetos ou bens materiais, mas com imagem. No livro "A Sociedade do Consumo" ele cita: "Imagem de quê? Imagem consumida do consumo". Isto é, a ideia do consumo enquanto modo novo de territorialização dos indivíduos.

7. DA PÓS-MODERNIDADE AOS TEMPOS HIPERMODERNOS

O poeta Rainer Maria Rilke disse certa vez: "A história da vida particular pode ser narrada apenas em fragmentos". É com a ideia de fragmentos que Zygmunt Bauman trabalha para tratar da passagem da modernidade para a pós-modernidade, também chamada pelo autor de "modernidade líquida".

No livro "Vida em Fragmentos – Sobre a Ética Pós-Moderna", Bauman retorna o tema da solidão para explicar a atual condição humana:

> *É pela nossa solidão que almejamos integração. É por conta dessa solidão que nos abrimos ao outro e permitimos que ele se abra para nós. É graças a essa mesma solidão que (que é somente desmentida, nunca superada, pelo tumulto do estar-com) que nos transformamos em selves morais. E é justamente por permitir à integração alcançar suas possibilidades que apenas o futuro pode revelar que temos uma oportunidade de agir moralmente, e por vezes mesmo de ser bons, no presente. (BAUMAN, 2011: p. 100)*

Douglas Kellner também fala sobre a identidade:

> *A identidade continua a ser o problema que foi por toda a modernidade. Na sociedade contemporânea, longe de a identidade desaparecer, ela é reconstruída e redefinida. A identidade torna-se hoje um jogo de livre escolha, uma apresentação teatral de si. (BAUMAN, 2011)*

No caso da identidade, como em outros, o lema da modernidade era "criação"; o lema da pós-modernidade é "reciclagem".

> *O meio que era a mensagem da modernidade representava o papel fotográfico; o meio pós-moderno é o vídeo. A principal ansiedade atrelada à identidade nos tempos modernos era a preocupação com a durabilidade; hoje, é a inquietação com evitar o compromisso. A modernidade foi construída em aço e concreto; a pós-modernidade, em plástico biodegradável. (BAUMAN, 2011: p. 113)*

No prefácio do livro "Os Tempos Hipermodernos", de Gilles Lipovetsky, Sebastien Charles defende que a modernidade inverte a ordem da temporalidade e faz do futuro o locus da felicidade e do fim dos sofrimentos. E o autor cita Michel Foucault:

> *Foucault foi, sem dúvida, o pensador que mais insistiu neste aspecto corrompido da modernidade que é a disciplina, cuja finalidade consiste mais em controlar os homens que em libertá-los (vigilância hierárquica, sanção normatizadora, exame de avaliação) que têm por efeito produzir uma conduta padronizada, adestrar os indivíduos e submetê-los a uma fôrma para otimizar-lhes as faculdades produtivas" (LIPOVETISKY, 2004: p. 16)*

O consumo de massa e os valores que ele veicula são os responsáveis pela passagem da modernidade à pós-modernidade, mutação que se pode datar da segunda metade do século XX, marcado pelo "aqui-agora".

Se antes uma jovem deveria abrir mão de seus talentos e vontades para casar-se de dedicar-se a casa, ao marido e aos filhos, hoje uma mulher pode, muito, além disso, liderar equipes, protagonizar uma carreira louvável nos negócios. Pode morar no exterior, pode viajar, pode dedicar-se ao trabalho voluntário ou algum *hobbie*, pode decidir não ter filhos, pode namorar uma pessoa do mesmo sexo.

As possibilidades são inúmeras e o que falta é entendimento destas possibilidades, é saber lidar com a grande diversidade de caminhos que podem, ou não, conduzir ao sucesso.

> *Ao permitir uma libertação dos indivíduos em face do mundo a que pertencem, uma automização que permitiu a cada um não mais seguir um caminho preestabelecido pela tradição e assumir uma liberdade de ação cada vez mais acentuada, a pós-modernidade possibilitou realizar aqueles ideais das Luzes que a modernidade anunciara em termos meramente legalísticos, sem ter-lhes dado força real. (LIPOVETISKY, 1989: p. 20)*

O próprio neologismo "pós-moderno" indica uma mudança de direção, marcada pela rápida expansão do consumo e da comunicação de massas, enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares, surto de individualização, consagração do hedonismo e do psicologismo, perda da fé no futuro revolucionário, descontentamento com as paixões políticas e as militâncias.

Em "Os Tempos Hipermodernos", Lipovetsky propõe ainda o uso do termo "hiper" para mostrar que a sociedade pós-moderna já ficou para trás.

> *Na hipermodernidade, não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela "evolução": o culto da modernização técnica prevaleceu sobre a glorificação dos fins e dos ideais. Quanto menos o futuro é previsível, mais ele precisa ser mutável, flexível, reativo, permanentemente pronto a mudar, supermoderno, mais moderno que os modernos dos tempos heroicos. (LIPOVETISKY, 2004: p. 57)*

O autor ainda completa:

> *No cerne do novo arranjo do regime do tempo social, temos: (1) a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa; e (2) a substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma "sociedade-moda" completamente reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. Dos objetos industriais do ócio, dos esportes aos passatempos, da publicidade à informação, da higiene à educação, da beleza à alimentação, em toda parte se exibem tanto a obsolescência acelerada dos modelos e produtos ofertados quanto os mecanismos multiformes da sedução (novidade, hiperescolha, self-service, bem-estar, humor, entretenimento, desvelo, erotismo, viagens, lazeres). O universo do consumo e da comunicação de massa aparece como um sonho jubiloso. Um mundo de sedução e de movimento incessante cujo modelo não é outro senão o sistema da moda. Tem-se não mais a representação dos modelos do passado (como nas sociedades tradicionais), e sim o exato oposto, a novidade e a tentação sistemáticas como regra e como organização do presente. Ao permear setores cada vez mais amplos da vida coletiva, a forma-moda generalizada institui o eixo do presente como temporalidade socialmente prevalecente. (LIPOVETISKY, 2004: p. 60)*

A hipermodernidade também está marcada pela urgência dos prazeres, do bem-estar, do conforto e do lazer. O futuro é sempre eufórico.

Apesar de estimular a vigilância, o monitoramento e a prevenção, além da alimentação saudável, perda de peso, repulsa ao fumo e busca pela longevidade, a economia, amparada pela mídia, impõe um ritmo frenético de consumo, de proximidade com a aventura, com o "aproveitar ao máximo a vida", deixando os indivíduos perdidos e com a sensação de que o tempo passa acelerado.

Em “Da Democracia na América”, Alexis de Tocqueville cita: “Parece que a partir do momento em (os homens das democracias) se desesperam de viver pela eternidade, eles se dispõem a agir como se fossem existir por não mais que um dia”.

A modernidade se construiu em torno da crítica à exploração do tempo de trabalho; já a época hipermoderna é contemporânea da sensação de que o tempo se rarefaz. Neste momento, somos mais sensíveis à escassez de tempo que à ampliação do campo das possibilidades ocasionada pelo ímpeto da individualização; a falta de dinheiro ou de liberdade motiva menos queixas que a falta de tempo.

A ânsia por ser protagonista, o personagem principal de sua própria história está ligada à *selfie*.

> *A contradição das nossas sociedades não vem apenas do afastamento entre cultura e economia, vem do próprio processo de personalização, de um processo sistemático de individualização narcísica: quanto mais a sociedade se humaniza, mais se amplia a sensação de anonimato; quanto maior a indulgência e a tolerância, mais cresce a falta de confiança em si mesmo; quanto mais se fica velho, mais se tem medo de envelhecer; quanto menos se trabalha, menos se quer trabalhar; quanto mais os costumes se liberalizam, mais aumenta a sensação de vazio; quanto mais a comunicação e o diálogo se institucionalizam, mais os indivíduos se sentem sós e mais incapazes de fazer contato; quanto mais cresce o bem-estar, mais a depressão triunfa. A era do consumismo gera uma dessocialização geral e polimorfa, invisível e miniaturizada" (LIPOVESTISKY, 2004: p. 104)*

8. SELFIE E PSICANÁLISE

A Publicidade e a Novela são apontadas neste estudo como exemplos de *selfie* por darem espaço a projeções. Elas criam identificação entre o produto apresentado e o espectador. É comum encontrar pessoas que mudam o visual para ficarem mais parecidas com determinada personagem da televisão.

Ao analisarmos a *selfie* como projeção de tudo aquilo que a pessoa gostaria de ser e de ter, é possível buscar na Psicanálise a explicação para a ânsia da sociedade atual em produzir um número tão significativo de autorretratos. Neste capítulo, conceitos desenvolvidos por estudos de Freud e Jung citam os sonhos como manifestação plena do inconsciente, como representação daquilo que está no lugar mais profundo de um ser, logo aquilo que ele tem de mais verdadeiro, seja bom ou ruim. É no sonho que está a projeção, como uma selfie que é postado em uma rede social, daquilo que existe em seu interior.

Na obra "O Homem e Seus Símbolos", Carl Gustav Jung lembra que Freud fez "a observação simples, mas profunda, de que se encorajarmos o sonhador a comentar as imagens dos seus sonhos e os pensamentos que elas lhe sugerem ele acabará por "entregar-se", revelando o fundo inconsciente dos seus males".

Apesar das diferenças dos métodos de trabalho adotados pela dupla para analisar o inconsciente de seus pacientes e relacionar a manifestação dos sonhos com os problemas que eram sugeridos, ambos concordavam que "além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente e ideias criadoras podem surgir do inconsciente - ideias e pensamentos que nunca foram conscientes".

Para Jung:

> *Estas mensagens do inconsciente têm uma importância bem maior do que se pensa. Na nossa vida consciente estamos expostos a todos os tipos de influência. As pessoas estimulam-nos ou deprimem-nos, ocorrências na vida profissional ou social desviam a nossa atenção. Todas estas influências podem levar-nos a caminhos opostos à nossa individualidade; e quer percebamos ou não o seu efeito, nossa consciência é perturbada e exposta, quese sem defesas, a estes incidentes. Isto ocorre em especial com pessoas de atitude mental extrovertida, que dão todo relevo a objetos exteriores, ou com as que abrigam sentimentos de inferioridade e de*

> *dúvida envolvendo o mais íntimo da sua personalidade. (JUNG, 2008: p. 49)*

Ainda de acordo com a psicologia analítica do autor:

> *O sonho é, em geral, uma tentativa de compensação para algum defeito particular que existe na atitude do sonhador em relação à vida; ou pode datar de um traumatismo que tenha deixado alguma marca. Pode também ser a antecipação de algum acontecimento importante que está para acontecer. (JUNG, 2008: p. 53)*

8.1. A Análise dos Sonhos

Um símbolo é aquilo que possui significado além de seu real conceito. Uma cruz, por exemplo, não é apenas dois pedaços de madeira cruzados no topo. A cruz está carregada de simbolismo. Fé, religião, a trajetória de Cristo, proteção, paz, crença e esperança são alguns dos símbolos ligados ao objeto.

Mas os símbolos não estão apenas nas coisas que nos rodeiam. Eles estão nos sonhos e em qualquer tipo de manifestação psíquica. Os pensamentos e sentimentos, assim como as situações, também podem ser simbólicos.

Os sonhos, segundo Jung, servem de compensação, transmitindo à consciência reações inconscientes ou impulsos espontâneos, que vão muito além dos arquétipos e necessitam de ajuda do sonhador para ser interpretados, já que, para cada sonhador, o sonho terá um significado diferente.

> *Acabou-se o contato com a natureza, e com ele foi-se também a profunda energia emocional que esta conexão simbólica alimentava. Esta enorme perda é compensada pelos símbolos dos nossos sonhos. Eles nos revelam nossa natureza original com seus instintos e sua maneira peculiar de raciocínio. Lamentavelmente, no entanto, expressam os seus conteúdos na própria linguagem da natureza que, para nós, é estranha e incompreensível.*

> *Somos, assim, obrigados a traduzir esta linguagem em conceitos e palavras racionais do vocabulário moderno, que se libertou de todos os seus embaraços primitivos - notadamente sua participação mística com as coisas que descreve. (JUNG, 2008: pag. 95)*

Assim, este artigo sugere que o sonho, na medida em que permite a manifestação do inconsciente e libera aquilo que está no interior do sonhador, pode ser considerado uma *selfie*. Uma projeção não daquilo que o indivíduo gostaria de ser ou parecer, como se costuma postar na *web*, criando uma imagem que é perfeita para ele, mas daquilo que realmente está em seu interior, sem filtros ou recalques.

Self é conceito estudado na obra do psicanalista:

> *O self pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser apreendido através da investigação dos sonhos de cada um. E estes sonhos mostram-no como um centro regulador, centro que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. (JUNG, 2008: p. 162)*

E completa:

> *Os sinais orientadores ou impulsos vêm não do ego, mas da totalidade da psique: o self. o consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou self em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do consequente sofrimento. Este choque inicial é uma espécie de "apelo", apesar de nem sempre ser reconhecido nas suas vontades ou desejos e geralmente projeta esta frustração sobre qualquer objeto exterior. Isto é, o ego passa a acusar Deus, ou a situação econômica, ou o chefe, ou o cônjuge como responsáveis por esta frustração. Algumas vezes tudo parece bem externamente, mas, no íntimo, a pessoa está sofrendo um tédio mortal que torna tudo vazio e sem sentido. Muitos mitos e contos de fada descrevem simbolicamente este estágio inicial do processo de individuação. (JUNG, 2008: p. 167)*

8.2. As Sombras

Quando se coloca luz sobre determinado ponto, sempre se está deixando de lado, na escuridão, outros pontos. É este processo que é utilizado na edição das fotos do tipo *selfie*. Normalmente, valoriza-se o que se tem de bonito, para esconder o que o fotógrafo não gosta ou não quer mostrar sobre si. Daí a enorme quantidade de fotos que mostram apenas o rosto do fotografado. A preferência por closes que escondem a real situação do lugar no qual a pessoa se encontra e até de seu corpo.

Para Jung, o fato de conhecer certos aspectos da nossa personalidade que, por várias razões, havíamos preferido deixar de lado ou não conhecer integralmente, é chamado de "realização da sombra".

> *A sombra não é o todo da personalidade consciente: representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego - aspectos que pertencem sobretudo à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes. Sob certos ângulos, a sombra pode, igualmente, consistir de fatores coletivos que brotam de uma fonte situada fora da vida pessoal do indivíduo. Quando uma pessoa tenta ver sua sombra, ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros - coisas como egoísmo, preguiça mental, negligência, fantasias irreais, intrigas, indiferença, covardia, o amor em excesso ao dinheiro e aos bens - em resumo, todos aqueles pequenos pecados já se terá confessado dizendo: Não tem importância; ninguém vai perceber e, de qualquer modo, as outras pessoas também são assim. (JUNG, 2008)*

É por este motivo que muitos se enchem de raiva quando um amigo ou simples conhecido lhe aponta faltas e defeitos. É como se uma parte de sua sombra, que você muitas vezes nem tem consciência que existe, ganhasse luz.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando cai a internet lá no trabalho, o clima é de caos. As pessoas se juntam e começam a buscar uma solução, enquanto o moço do *Help Desk* vira o cara mais desejado da empresa - não só entre elas.

Desconfio que nem todos os meus colegas estejam tão preocupados com a queda da produtividade que os minutos sem acessar o *Google* pode causar.

A verdade é que, hoje em dia, ficar desconectado é como quando falta o ar. E sem respirar, você sabe, ninguém sobrevive.

Temo pelos relacionamentos que acabariam diante de uma possível extinção do *Facebook*. Seguiriam eles se amando sem o incentivo daquela prima do interior? "Vocês foram um casal perfeito!". Seria suportável a noite de intimidade sem o propósito de postar uma foto acompanhada por um *#AboutLastNight*?

De que serviriam os noivados se não para trocar o status de um relacionamento que há cinco anos empacou na mesmice dos domingos assistindo ao Faustão após o café da tarde com os pais dela? E se ninguém, além dos 300 convidados, soubesse que eles se casaram?

E se a gravidez dela não fosse acompanhada como reality show editado, no qual enjoos e irritações não têm espaço?

Trocariam abraços e beijos no Dia dos Namorados se não pudessem compartilhar uma foto como prova pública de seu lindo amor?

Temo pelos "almocinhos" e "jantarzinhos" que ficariam pra lá se não houvesse o *Instagram*. Por todos os *"open houses",* que ficariam restritos aos amigos mais chegados.

Pelos shows da banda da moda, que poderiam ficar vazios. Pela rentabilidade dos espaços dedicados aos *“food trucks”.* Pelas campanhas políticas. Pelos empregos arranjados (Manda teu CV por inbox!).

Pela ex-namorada, que teria que sair de casa e dar 15 telefonemas, no mínimo, para saber tudo sobre a vida da atual do cara que ela jamais esqueceu.

Temo pelos bichos de estimação, que não teriam seus minutos de fama ao voltarem com lacinhos do pet shop. Temo pelos tímidos, que não diriam nem "oi" para a moça por quem ele foi louco desde a terceira série.

Temo pelas avós, que não poderiam mostrar ao mundo como seus netinhos estão crescidos. Temo pelos virais e *memes*, que não arrancariam sorrisos no meio de uma segunda-feira chata e chuvosa.

Temo pelas campanhas de desaparecidos, pelos lançamentos de livros, pelas palestras que não seriam divulgadas.

Temo pelos *videoclipes* e pelas paródias. Temo pelas frases de efeito que minha tia compartilha e pelos copos de cerveja que anunciam transbordando: o fim de semana está aí.

Temo pelos parques que só conheço porque você vai lá aos domingos. E pela cidade linda que minha prima está morando na Inglaterra (já conheço como se morasse). Temo pela saudade que apertaria meu peito quando você anunciasse que voltaria daqui a um ano.

Temo pela irmã que trabalha no Japão e nunca teve a oportunidade de abraçar seu sobrinho. Temo pela mãe que perdeu o filho e serve de alívio reler tudo aquilo que ele, que nunca lhe escreveu uma cartinha, postava.

Temo pelos desejos de Feliz Aniversário e pelos votos de Feliz Natal.

Temo pelas palavras que hoje vivem apenas nas caixas postais.

Temo pelos olhares que nunca, de fato, vão se cruzar.

E pelas mãos que não andarão juntas quando faltar dinheiro, saúde ou força.

Temo pelos textos verdadeiros, que foram apagados antes de apertar o “enviar”, e pelo sorriso largo que você, do outro lado da tela, não viu que eu dei quando disse que sentia minha falta.

Temo pelos *likes* que nem chegam a virar comentários. Temo pelas fotos que se sobrepõe e ficam para trás. O que pode ser mais importante que o próximo momento? O próximo lugar? O próximo alguém.

Temo pela busca desenfreada pela euforia da vida.

Temo pelo tempo que passa sempre tão apressado.

Temo porque meu perfil é melhor do que a realidade.

Temo porque os amores não passam desta noite.

Temo porque é assim que estamos acostumando a viver.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Antropos, 1981.

BAUMAN, Zygmunt**. Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em Fragmentos**. Jorge Zahar, 2011.

CAMPOS, Alessandra. **Parem com a loucura da beleza.** Disponível em: http://goo.gl/ZMvQ87 (**Acessado em 30/08/14).**

CARRERA, Isabela. **Em "Ela", o amor virtual X a vida real.** Disponível em: http://goo.gl/RXqqdd **(Acessado em 30/08/14)**

CASALEGNO, Federico. **Sherry Turkle: Fronteiras do Real e do Virtual.** Entrevista disponível em: http://goo.gl/ti0nbH **(Acessado em 25/08/14)**

CODO, Wanderley - **Corpo(latria).** Editora Brasiliense, São Paulo. 2004

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. V.1. O uso dos prazeres**. RJ: Graal, 1985.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora, RJ, 1992.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. Nova Fronteira, 2008

LIPOVETISKY, Gilles. **A Era do Vazio - Ensaios sobre o Individualismo Contemporâneo**, Relógio d'água, 1989.

LIPOVETISKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. Editora Barcarolla. São Paulo, 2004b

MARTINS, Ivan. **Frente a frente - As paqueras virtuais se opõem às relações reais?** Disponível em: http://goo.gl/5vgptc **(Acessado em 29/08/14)**

MAY, Rollo. **O Homem À Procura de Si Mesmo**. Editora Vozes, 1982

MONET, Revista – **Entediada, Miley Cyrus publica DEZENOVE fotos em um dia em rede social** – Disponível em: http://goo.gl/D9sXta **(Acessado em 30/08/14)**

MORAES, Dênis de. **Sociedade Midiatizada**. Mauad X, Rio de Janeiro, 2006.

PERES, Marta Simões. **Tem que correr, tem que malhar: uma reflexão sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**, UFRJ, 2013.

Sayuri, Juliana. **Retrato de uma juventude**. Disponível em: http://goo.gl/eVJuvA (**Acesso em 18/05/14)**.

SLOTERDIJK, Peter**. Esferas III - Espumas**. Ediciones Siruela, 2006

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2013.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**, 1835. Disponível em: http://www.libertarianismo.org/livros/adtdnacompleto.pdf **Acessado em 30/08/14**

TURKLE, Sherry. **O Segundo Eu - Os Computadores e o Espírito Humano**, Editora Presença, 1989.